

Differentiating speech delay from disorder: does it matter?

Comentado por: Haydée Fiszbein Wertzner¹, Luciana de Oliveira Pagan-Neves¹

Dodd B. Differentiating speech delay from disorder: does it matter? *Top Lang Disord.* 2011;31(2):96-111.

O diagnóstico de crianças que apresentam alterações de fala ainda gera muitas discussões apesar dos grandes avanços alcançados nos últimos dez anos. Sabe-se que o distúrbio fonológico é heterogêneo em aspectos como causa, natureza do déficit subjacente e manifestação fonológica.

Classificar o distúrbio é difícil e é preciso estabelecer qual o critério que se definiu como base para a classificação adotada. Dodd (2011) retoma em seu estudo a questão da diferenciação entre atraso e distúrbio fonológico. Por definição considera que crianças com atraso fonológico apresentam padrões de erros que são observados em crianças com idade cronológica menor de acordo com dados normativos. Já as crianças com distúrbio fonológico demonstram também pelo menos um padrão de erro atípico, ou seja, não encontrado no desenvolvimento típico de crianças falantes da mesma língua.

A autora do artigo aponta que vários estudos na literatura indicam como fatores explicativos tanto do atraso como do distúrbio, uma inter-relação entre os aspectos motores relacionados à produção dos sons, a percepção auditiva e visual e os aspectos cognitivo-linguísticos, sendo que a dificuldade em um desses aspectos pode estar mais evidente em um caso do que em outro. Estudos anteriores realizados por Dodd e seu grupo de pesquisa apontaram que embora os três aspectos contribuam para o desenvolvimento fonológico, em crianças com distúrbio fonológico parece que a habilidade de abstrair regras fonológicas é a mais importante. Tal achado evidencia, segundo a autora, a dificuldade cognitivo-linguística subjacente à falta de organização e do conhecimento das regras fonológicas da língua.

Em busca de contribuições para o entendimento da diferenciação entre as características cognitivo-linguísticas apresentadas nos casos de atraso e de distúrbio fonológico, a autora do artigo se baseia na afirmação de que a diferença entre as crianças que apresentam atraso daquelas com distúrbio está no tipo e no número de erros que elas apresentam na fala. Desta forma, estabelece como hipótese do estudo que crianças com distúrbio fonológico consistente têm desempenho pior do que crianças com atraso fonológico em medidas de abstração de regras e em flexibilidade cognitiva.

A pesquisa incluiu 46 crianças, sendo 23 com atraso fonológico e 23 com distúrbio fonológico, pareadas por idade

e gênero. Todas as crianças fizeram parte de um grupo maior composto por 275 crianças que foram avaliadas em relação às habilidades de processamento da informação auditiva e às habilidades motoras orais por Dodd e McIntosh⁽¹⁾. Todas as crianças passaram por avaliação fonológica que forneceu os dados para alocá-las em um dos grupos.

Foram aplicados dois testes experimentais, sendo o primeiro *Flexible Item Selection Test* e o segundo *The Nonlinguistic Rule Abstraction Task*. O primeiro teste mediu a função executiva por meio de figuras que representavam objetos variando em função de forma, tamanho e cores. Elas deveriam apontar duas figuras que poderiam ficar juntas, e assim por diante. O outro teste, de abstração de regra, foi realizado no computador e a criança tinha que aprender, diante de diferentes ordens de apresentação, a regra que permitia que a figura tocada na tela do computador desvendasse uma animação.

Além dos testes experimentais, a avaliação diagnóstica ainda contou com a aplicação de testes de diadococinesia oral e a da consistência de fala. Apesar dos resultados destes testes não terem sido utilizados neste artigo, a utilização dessas medidas trouxe significativas contribuições para a caracterização do comprometimento das habilidades motoras orais nessas crianças.

Os resultados da pesquisa atual indicaram que as crianças com distúrbio fonológico tiveram um desempenho pior do que as crianças com atraso nas duas tarefas de função executiva. Assim, confirmando sua hipótese diagnóstica, Dodd mostrou que as crianças dos dois grupos diferiram tanto em função da quantidade e do tipo de erros de fala, como nas respostas em relação à flexibilidade cognitiva e à abstração de regras.

Os estudos de Dodd e seu grupo de pesquisa têm contribuído para a melhor classificação e diferenciação dos subtipos de distúrbio fonológico. Eles propõem que a classificação leve em consideração o aspecto cognitivo-linguístico. Nesse estudo, verificaram que crianças consistentes com distúrbio fonológico apresentaram maiores dificuldades na função executiva, sendo que nem sempre a criança com maior gravidade mostrou maior dificuldade.

As crianças com distúrbio apresentaram menor flexibilidade cognitiva do que as com atraso, ou seja, foram menos capazes de identificar uma outra forma em que os três itens estavam associados, o que demonstra dificuldade em mudar sua atenção entre domínios conceituais e inibir sua primeira escolha. Para a autora a flexibilidade cognitiva é um aspecto da inteligência humana que permite a integração de novas informações durante o processo de aprendizagem da criança em desenvolvimento. Por isso, a avaliação desta habilidade em crianças com atraso ou distúrbio fonológico pode refletir a

(1) Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo – USP – São Paulo (SP), Brasil.

Endereço para correspondência: Haydée Fiszbein Wertzner. R. Cipotânea, 51, Cidade Universitária, São Paulo (SP), Brasil, CEP: 05360-000. E-mail: hfwertzn@usp.br

maneira como a criança está adquirindo a fala, reconhecendo os padrões fonológicos e incrementar as sutilidades do sistema fonológico ao qual está exposta.

Em relação à tarefa de aprendizagem de regras, também foi observado que nas crianças com distúrbio fonológico a primeira regra aprendida persistiu ao longo do teste, mesmo quando era necessária a aplicação de uma nova regra para que fosse obtida a resposta correta. Este dado revela a dificuldade que as crianças com distúrbio fonológico possuem no processo de aprendizagem de regras, o que reflete diretamente na falha em adquirir as regras fonológicas da língua.

Finalizando seu trabalho a autora ainda remete à importância da diferenciação entre atraso e distúrbio para a terapia fonoaudiológica. Para ela, a melhor maneira de se tratar as crianças com distúrbio fonológico é utilizar uma abordagem de contrastes fonológicos que permite que a criança não só aprenda que os contrastes precisam ser produzidos para evitar a ambiguidade no significado das palavras, mas também facilita na organização dos fonemas em classes de sons. A

única ressalva em relação ao modelo de contrastes se deve ao fato dele não abordar diretamente a escrita que está ou estará comprometida nestas crianças.

De maneira geral, durante todo o artigo a autora ressalta a importância de se utilizar a terminologia correta para se referir às crianças com atraso ou distúrbio fonológico. O principal objetivo desta pesquisa foi destacar essa necessidade, ou seja, mostrar que, apesar do sintoma ser o mesmo (ambas apresentam dificuldade na organização da regra fonológica que se reflete na produção errada dos sons da fala), o aspecto subjacente relacionado a esta dificuldade varia, o que implica num procedimento terapêutico diferenciado.

REFERÊNCIA

1. Dodd B, McIntosh B. The input processing, cognitive linguistic and oro-motor skills of children with speech difficulty. *Int J Speech Lang Pathol.* 2008;10(3):169-78.